

# Hamas, Israel e o Oriente próximo



» PIO PENNA FILHO

Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB)

Em 7 de outubro de 2023, o Hamas lançou um mortífero ataque contra Israel, matando cerca de 1,2 mil pessoas e sequestrando centenas de cidadãos israelenses, muitos dos quais permanecem em cativeiro. Foram atos de extrema barbárie e violência que chocaram o mundo, provocando a ira de Israel, que jurou vingança. Praticamente um ano após o ataque, a Faixa de Gaza, até então controlada pelo Hamas, está praticamente destruída. Os principais alvos do Hamas não foram os militares ou instalações militares de Israel, mas, sim, a população civil.

O Hamas, também conhecido como Movimento de Resistência Islâmica, foi criado em 1987 e não reconhece a legitimidade do Estado de Israel. No âmbito da Palestina, o Hamas se opôs ao Fatah, organização criada em 1959 por, entre outros, Yasser Arafat, que atuava junto à Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Os dois movimentos entraram em choque por terem visões políticas distintas e, inclusive, foram protagonistas de uma guerra que opôs palestinos da Faixa de Gaza (Hamas) e da Cisjordânia (Fatah), criando uma cisão no movimento.

O Hamas é um movimento radical e denominado por vários atores internacionais como uma organização terrorista. De fato, seus métodos violentos foram evoluindo, de ataques individuais, como atentados suicidas, lançamento limitado de foguetes, até

o último episódio, que contou com a invasão do território israelense, ataque intenso de foguetes contra diversos alvos e sequestro de pessoas.

Como era de se esperar, veio a reação de Israel. E não foi uma reação qualquer. O governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu respondeu de forma absurdamente desproporcional. Seu objetivo principal, segundo as autoridades israelenses, era a de “destruir” definitivamente o Hamas. Aliás, como se isso fosse realmente possível. Os métodos aplicados, e que continuam a ser empregados, são tão ou mais brutais que aqueles utilizados pelo Hamas quando dos ataques de 7 de outubro de 2023.

Até agora, o resultado foi a destruição da maior parte da Faixa de Gaza e a morte de mais de 40 mil palestinos — entre eles, crianças, mulheres, idosos e homens, sejam eles militantes ou não do Hamas. E muitos ainda irão perecer em decorrência da guerra. A brutalidade de Israel chamou a atenção do mundo, e muitos alegam um verdadeiro genocídio. Não houve seletividade, os ataques e bombardeios foram indiscriminados.

Essa guerra, que é continuidade de guerras anteriores, só faz alimentar o ódio mútuo entre palestinos e judeus. Difícil pensar numa solução pacífica para as diferenças entre esses dois povos no médio e longo prazo. As humilhações constantes impostas por Israel contra os palestinos, tanto da Faixa de Gaza

quanto da Cisjordânia, a violência cotidiana, as ocupações ilegais de territórios palestinos, tudo isso remete a um ciclo de violência quase infundável.

Aliás, há um bom tempo a guerra já não se resume ao Hamas e a Israel. Outros atores, regionais e extrarregionais, estão intensamente envolvidos no conflito. Os principais são o Irã e os Estados Unidos da América. O Irã apoiou e apoia o Hamas (além do Hezbollah e dos Houthis) principalmente com armas e munições, enquanto os Estados Unidos ajudam Israel de todas as formas possíveis.

A atuação de outros atores amplia o conflito para além dos territórios palestinos e de Israel. Após a Faixa de Gaza, o principal alvo, por enquanto, é o Líbano, que vem passando por uma intervenção terrestre e repetidos ataques aéreos que já ceifaram a vida de mais de mil pessoas. O recente ataque de mísseis balísticos do Irã contra Israel é também um desdobramento da guerra entre o Hamas e Israel, o que torna a região ainda mais instável.

Parte da solução existe, mas os israelenses não a aceitam. E o lado mais radical dos palestinos, também não. Enquanto não existir um Estado Palestino, soberano, respeitado e viável economicamente, os ressentimentos e a violência continuarão a existir. E, naturalmente, é imprescindível que os palestinos aceitem a existência do Estado de Israel. Só assim, será possível a construção da paz na região.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Centelha do dia seguinte

Após o período mais intenso das queimadas que, neste ano, varreram boa parte de nossas matas, matando milhares e milhares de espécies de animais e plantas, de norte a sul do país, é necessário, a exemplo do que fazem os bombeiros nos rescaldos dos sinistros, a realização de um levantamento sério, para que se conheçam os reais prejuízos causados pelas queimadas em 2024.

De certo, os prejuízos, apenas no âmbito da diversidade biológica, serão catastróficos. O que aconteceu neste ano equivale, em termos de pesquisas científicas e de preservação, a dezenas de incêndios como aqueles que consumiram os Museus Nacionais nos últimos anos. É pena que esse sentimento de perda irreversível, só seja sentido por pesquisadores e cientistas que estão mais envolvidos com essas riquezas pouco cuidadas por nós.

Pela extensão das queimadas deste ano, é provável que algumas espécies de plantas e animais, que sequer tínhamos correto conhecimento, tenham sido perdidas para sempre. Sem o devido conhecimento do bioma que nos cerca e qual sua importância para nosso meio ambiente, em termos de simbiose e outras trocas, é certo que, a longo prazo, outras espécies venham sentir essa perda e acabem por desaparecer também. O equilíbrio do meio ambiente é delicado e sente as interferências humanas.

Pelo o que conhecem os cientistas — e não é muito quando se trata do vasto bioma —, algumas espécies de aves só se alimentam de determinados frutos, produzidos por determinada planta. Com o desaparecimento dessa espécie vegetal, também essas aves estão condenadas. O inter-relacionamento entre as espécies é um mecanismo delicado que trabalha como um relógio, o desaparecimento de uma peça, produz um colapso em série para todo o sistema.

O mais triste em todo esse episódio, que expôs o país a um vexame internacional, é que as tragédias parecem não ter surtido grande efeito internamente.

O sinal errado emitido pelas autoridades tem funcionado como um incentivo para a depauperação das riquezas naturais do país. Esse nacionalismo às avessas, que age com o pensamento de que “é meu e faço com ele o que quiser”, é caminho que leva seguramente à perda não só dessas riquezas em si, mas também da autoridade moral de posse sobre esses bens.

Não bastasse essa tragédia, o tráfico e o contrabando de espécies de vegetais e animais ainda são práticas correntes em nosso país. Trata-se da terceira maior atividade ilegal de todo o mundo, responsável, segundo os pesquisadores, por retirar do meio ambiente dezenas de milhões de espécies a cada ano. Além de exportar ilegalmente espécies de animais para todo o mundo, o Brasil passou também a importar de outros países espécies estranhas ao nosso meio ambiente, o que tem acarretado graves problemas para o equilíbrio ecológico interno. “A fauna exótica introduzida pode se tornar invasiva, conquistar áreas muito maiores do que as previstas, suprimir a fauna nativa e transmitir novas doenças. Mais de 180 tipos de zoonoses transmitidas por animais já são conhecidos”, alertam os cientistas.

No dia consagrado à São Francisco de Assis, protetor dos animais, e em que igrejas em todo o mundo abençoam os animais, é preciso um olhar de atenção com as espécies que habitam esse mesmo espaço e aqui, estão muito antes da chegada dos homens e da civilização.

### » A frase que foi pronunciada

“É realmente devastador ver mais uma vez incêndios devastando os ecossistemas mais vitais da América do Sul — a Floresta Amazônica, a savana tropical do Cerrado, as zonas úmidas do Pantanal e o Gran Chaco — ameaçando comunidades, a biodiversidade e nosso clima global. Essa é uma emergência climática, ambiental e humanitária que deve ser tratada com ação urgente e imediata pelos governos nacionais e globais na Assembleia Geral da ONU(...)”  
Amazon Watch

### Minas e Energia

» Nesse ambiente democrático, nada mais interessante do que saber a opinião dos trabalhadores sobre o horário de verão. A intenção de estabelecer um horário diferente é mudar o horário do pico de consumo de energia para horário com mais luz solar, diminuindo a necessidade de ligar as usinas termelétricas para dar conta da demanda. As luzes acesas e o banho na madrugada para ir o trabalho trouxeram uma mostra diferente apontada pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), em que o resultado é assinalado o seguinte: “A redução observada no horário de maior consumo”, das seis horas da tarde até às nove da noite, “é compensada pelo aumento da demanda em outros períodos do dia, especialmente no início da manhã”, quando ainda é escuro, na maior parte das regiões, durante o horário de verão.

### » História de Brasília

Depois de entregar declarações impressas e de se negar a responder às perguntas dos jornalistas, o sr. Laranja Filho viajou para o Rio, onde tratou do assunto Novacap com o primeiro-ministro e o ministro da Justiça. (Publicada em 19/4/1962)

## Outubro Rosa: um movimento de conscientização e esperança

» CELINA LEÃO  
Vice-governadora

Outubro Rosa é uma das campanhas de saúde pública mais reconhecidas e importantes do mundo, dedicada à conscientização sobre o câncer de mama e do colo do útero, assim como à promoção da detecção precoce dessas doenças. Embora seja uma das principais causas de morte entre mulheres no Brasil e no mundo, a campanha não se limita apenas a informar. Ela vai além, promovendo ações de prevenção, incentivando o autocuidado e buscando desmistificar medos, preconceitos e estigmas.

Um dos aspectos mais importantes da campanha é a ênfase na detecção precoce do câncer de mama e do colo do útero. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), quando diagnosticado nos estágios iniciais, o câncer de mama tem uma chance de cura que pode ultrapassar 90%. Já o câncer do colo do útero é praticamente 100% prevenível, seja pela vacina, seja pelo exame preventivo, também conhecido como Papanicolaou, ambos disponíveis em nossa rede pública de saúde.

No intuito de promover o intercâmbio, treinamento e capacitação dos profissionais da rede pública de saúde e pesquisadores no que há de mais moderno no combate ao câncer do colo do útero e de mama, este ano, firmamos uma parceria muito importante — um acordo de cooperação internacional com entidades médicas. A parceria, que terá

duração de cinco anos, foi selada durante minha visita à Health Catalyst (GHC) Summit 2024, realizada na Johns Hopkins University, em Washington, nos Estados Unidos, em junho.

É uma colaboração crucial para melhorar a detecção precoce e os tratamentos, beneficiando, especialmente, as nossas mulheres que concentram 60% dos casos de câncer diagnosticados da capital, com predominância de mama e colo do útero.

A campanha ainda reforça a importância da saúde mental e emocional. Muitas vezes, o estresse e a ansiedade, principalmente para quem recebeu o diagnóstico de câncer, podem agravar o quadro ou dificultar a recuperação. Por isso, a promoção do bem-estar integral também é parte crucial da conscientização.

Outro ponto importante do Outubro Rosa é a luta pela igualdade no acesso ao diagnóstico e tratamento do câncer de mama. Embora o Brasil tenha avançado em políticas públicas de saúde, ainda existem desigualdades gritantes entre as regiões do país. O acesso à mamografia, por exemplo, ainda é restrito em muitas áreas, e o tempo de espera para iniciar o tratamento pode ser crucial para a sobrevivência das pacientes.

No DF, somente de janeiro a março, foram mais de 5 mil mamografias realizadas na rede pública de saúde, que tem as unidades básicas de saúde (UBS) como porta de entrada para o atendimento e mantém a campanha

de combate à doença de modo permanente. Em 2023, foram 27,3 mil exames realizados. Além do primeiro acolhimento, é nas UBS que as pacientes encontram cuidado ao longo e após o tratamento. Lá, são solicitados exames, retirados pontos e onde recebem o direcionamento para ações de práticas integrativas e grupos de apoio.

A força do Outubro Rosa reside também no engajamento da sociedade. Governo, empresas, ONG e celebridades se mobilizam para divulgar a campanha, arrecadar fundos e conscientizar sobre a importância do diagnóstico precoce. Esse engajamento ajuda a amplificar a mensagem da campanha, atingindo um público cada vez maior e transformando a conscientização em ações concretas.

O Outubro Rosa vai além de uma campanha de conscientização sobre o câncer de mama; é um movimento de esperança, educação e empoderamento. Ao promover o diagnóstico precoce, o autocuidado e o apoio às pacientes, o movimento contribui para salvar vidas e transformar a maneira como a sociedade enxerga e trata a doença. No entanto, ainda há muito a ser feito, principalmente em termos de garantir o acesso igualitário ao diagnóstico e tratamento para todas as mulheres. O sucesso dessa campanha, que teve início na década de 1990 nos Estados Unidos e logo ganhou o mundo, depende do compromisso contínuo de todos nós.